
Divulgando e promovendo uma colónia desconhecida: fotografias portuguesas de Timor entre finais do século XIX e início do século XX

Unveiling and promoting an unknown colony: Portuguese
photographs of Timor between the late 19th and early 20th
centuries

Hugo Pereira*

<https://orcid.org/0000-0002-7706-2686>

Resumo

Este artigo analisa uma amostra de 138 fotografias (121 únicas e dezassete duplicados) da antiga colónia portuguesa de Timor, produzidas entre as décadas de 1890 e as vésperas da Primeira Guerra Mundial e conservadas no Centro Português de Fotografia, na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian ou publicadas na imprensa (revistas ilustradas *Occidente* e *Ilustração Portuguesa*) ou como bilhetes postais ilustrados. Recorrendo a uma metodologia semiótica e de análise fotojornalística e combinando na análise imagens fotográficas com fontes textuais (debates parlamentares, relatórios militares, notícias da imprensa e opinião escrita de peritos em questões ultramarinas), este estudo mostra o modo como a fotografia representou Timor e como esta representação foi apresentada na metrópole. A amostra imagética indicia um interesse eminentemente etnográfico e antropológico por parte dos fotógrafos portugueses, que pretendia colmatar o fraco conhecimento dos decisores coloniais em Lisboa sobre aquela parte do império. Ainda assim, nota-se um esforço para tentar promover Timor como um possível destino de emigração através de fotografias que evidenciavam a *domesticação* e *portugalização* do território ou o potencial agrícola e mineral da colónia. Deste modo, este trabalho contribui para os debates historiográficos sobre o uso da fotografia como fonte primária e sobre o papel daquela tecnologia nas agendas imperiais das nações europeias em África e na Ásia.

Palavras-chave: fotografia, imperialismo, colonialismo, representações

* Doutor em História pela Universidade do Porto. Pesquisador assistente no CIUHCT – Centro Interuniversitário de Investigação em História da Ciência e da Tecnologia (Universidade NOVA de Lisboa). E-mail: hjs.pereira@fct.unl.pt

Abstract

This paper analyses a sample of 138 photographs (121 original and seventeen duplicates) of the former Portuguese colony of Timor taken between the 1890s and the eve of the First World War, preserved in the Portuguese Centre of Photography and in the library of the Calouste Gulbenkian Foundation or published in the press (illustrated magazines *O Occidente* and *Ilustração Portuguesa*) or as illustrated postcards. Using a semiotic and photojournalistic methodology and combining in the analysis photographic images with textual sources (parliamentary debates, military reports, press reports and written opinion of experts on overseas issues), this study shows how photography represented Timor and how this representation was presented in the metropolis. The imagetic sample indicates an eminently ethnographic and anthropological interest on the part of Portuguese photographers, who wanted to make up for the poor knowledge colonial decisionmakers in Lisbon had of that part of the empire. Still, there was an effort to promote Timor as a possible emigration destination through photographs that showed the domestication and *Portugalisation* of the territory or the agricultural and mineral potential of the colony. Thus, this paper contributes to historiographical debates on the use of photography as a primary source and the role of that technology in the imperial agendas of European nations in Africa and Asia.

Keywords: photography, imperialism, colonialism, representations

Introdução: perguntas de partida, problema e contexto

A historiografia portuguesa tem, nos últimos anos, devotado a sua atenção à cultura visual e visualidade material dos antigos territórios ultramarinos de Portugal, sobretudo no que respeita ao estudo do uso da fotografia no contexto imperial africano e indiano¹. Outros territórios coloniais, como Macau ou Timor, não têm atraído o mesmo nível de atenção. Neste artigo, proponho uma análise de um *corpus* fotográfico de 138 imagens (121 únicas e dezassete duplicados) retratando diversos aspetos de Timor no período que compreende os últimos anos do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX.

Através de uma análise iconográfica e semiótica destas fotografias, demonstro como a imagem do território colonial de Timor, enquanto região, foi construída para o público metropolitano português e como essa construção

¹ VICENTE, Filipa Lowndes (ed.). *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)*. Lisboa, Edições 70, 2014.

foi determinada socioculturalmente pelas aspirações, expectativas e representações dos agentes coloniais portugueses. Deste modo, respondo às questões: de que forma a fotografia representou Timor, os seus habitantes e a presença portuguesa no território e de que modo foram essas representações apresentadas aos portugueses na metrópole.

A fotografia começou a ser praticada no território europeu de Portugal a partir da década de 1840 e nos domínios coloniais portugueses a partir de 1860. Até ao virar de Oitocentos para Novecentos, a prática fotográfica beneficiou de várias inovações e melhoramentos que a tornaram mais económica e manobrável. Consequentemente, o número de praticantes aumentou exponencialmente. A fotografia tornou-se uma ferramenta de trabalho central nas mais diversas áreas, incluindo engenharia, medicina, cartografia, criminologia e até a falsificação de notas de banco². No contexto colonial português, à semelhança do que aconteceu noutros cenários imperiais, a fotografia foi usada como meio de conhecimento do território, de catalogação e controlo das suas gentes e de divulgação da *missão civilizadora* europeia³ – em suma, assumiu-se como um instrumento de império, para usar a expressão de Daniel Headrick⁴.

Em relação ao território de Timor, analisado neste artigo, era conhecido dos navegadores portugueses desde o início do século XVI. Desde o século XVII que se realizavam missões de natureza missionária na colônia, às quais se juntaram no século XIX expedições avulsas de reconhecimento científico. Em meados do século XIX, a divisão da ilha com a Holanda foi fixada através de alguns tratados internacionais. A presença portuguesa naquela parte da Oceânia nunca foi muito incisiva, em virtude da grande distância que a separava da metrópole. Mesmo em termos administrativos, Timor estava subordinado a Macau e não respondia diretamente a Lisboa. A colônia encontrava-se num estado de abandono por parte das autoridades portuguesas, sem

² COSTA, Fernanda Madalena; JARDIM, Maria Estela (eds.). *100 Anos de Fotografia Científica em Portugal (1839-1939)*. Lisboa: Edições 70, 2014. DIAS, Jill R. "Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914". *History in Africa*, 1991, 18, p. 67. FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Veja, 1995, pp. 37-42. SENA, António. *História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998, pp. 45-97, 143 e 147.

³ HEINTZE, Beatrix. "In Pursuit of a Chameleon: Early Ethnographic Photography from Angola in Context". *History in Africa*, 1990, 17, pp. 131-156. LANDAU, Paul S. "Empires of the Visual: Photography and Colonial Administration in Africa". In LANDAU, Paul S.; KASPIN, Deborah D. (eds.). *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002, pp. 141-171. RYAN, James R. *Picturing Empire. Photography and the Visualization of the British Empire*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. VICENTE, op. cit.

⁴ HEADRICK, Daniel R. *The Tools of Empire. Technology and European Imperialism in the Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 1981.

Era ainda sabido que o clima era depauperante e insalubre no litoral (sobretudo na costa sul, devido à densa vegetação) e revigorante (ainda que muito chuvoso e húmido) nas montanhas do interior⁸. Por estas razões, a representação que se criara na metrópole sobre a colônia era negativa. Quando Rafael das Dores, um militar português que fez uma grande parte da sua carreira nas colônias de Portugal no Extremo Oriente, com comissões de serviço em Timor em 1871, 1878, 1886 e 1891⁹, viajou pela primeira vez para o território, sentiu que “quanto mais nos aproximávamos mais me parecia horrível o paiz em que tinha que ficar”¹⁰. A colônia era destino de prisioneiros e degredados, que protagonizavam “scenas repugnantes com os presos acorrentados, que eram verdadeiros farrapos humanos”¹¹. Acresce ainda que Timor era um peso nas contas nacionais, chegando a sua alienação a ser oferecida como uma solução em 1888, 1891 e 1908¹²; todavia, uma vez que a colônia era vista como “um padrão das nossas glórias na Oceania”¹³ (“mito da herança sagrada”, tal como teorizado por Valentim Alexandre) essa medida nunca foi concretizada. Os principais produtos exportados desde Timor (na sua maioria pelo porto de Dili) eram, desde início de Oitocentos, a madeira de sândalo e, a partir da década de 1860, o café, que, explorado em plantações, permitiu alguma apropriação territorial em favor do império. Na década de 1890, companhias agrícolas diversificaram um pouco as exportações de produtos primários (borracha, canela, noz-moscada, tabaco). Estas atividades económicas faziam ecoar também em Timor o “mito do Eldorado”, ou seja, a percepção de que o território era muito fértil e rico em minerais (ouro, xisto, cobre, petróleo), o que podia levar à quebra da subordinação comercial do território às colônias holandesas. Em 1891, no parlamento em Lisboa, o deputado Horta e Costa não tinha dúvidas em afirmar que

Timor é riquíssimo. As diferentes amostras que d’ali têm vindo e que têm sido analisadas em diferentes pontos, mostram claramente que ali abunda o ouro, o cobre, o enxofre, principalmente o petróleo, e muitos outros metaes e metalloides. As

⁸ *Diário da Camara dos Deputados*, 20 de março de 1899, pp. 41-42.

⁹ DORES. *Apontamentos*, p. 3.

¹⁰ DORES, Rafael das. *Album Biographico e Geographico*. S. l.: s. n., c. 1903, p. 81.

¹¹ INSO, Jaime do. “Sociedade de Geographia. 4.ª Conferencia do tenente da armada sr. Jayme do Inso. A Provincia de Timor”, *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1914, 37, n.º 1277-1278, p. 197. Ver também: “Timor – a ignorada”, *Illustração Portuguesa*, 1909, 7, n.º 172, p. 733.

¹² *Diário da Camara dos Deputados*, 19 de agosto de 1908, p. 16.

¹³ SILVA, José Celestino da. *Relatorio das Operações de Guerra no Districto Autonomo de Timor no Anno de 1896*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897, p. 40.

experiências que ali têm sido feitas provam claramente que o solo de Timor se presta admiravelmente á cultura do milho, do café, do cacau, da canna de assucar, do açafraão, do amendoim, da quina e de muitos outros generos, que têm uma grande procura n'aquellas localidades¹⁴.

Até meados da década de 1890, a autoridade dos portugueses no território estava limitada ao litoral (sobretudo à capital Dili). A força militar portuguesa ali estacionada era por norma reduzida, fracamente equipada e muito indisciplinada¹⁵, pelo que o seu poder se desvanecia à medida que se penetrava no interior do território. Este era dividido por cerca de cinquenta reinos (Luca, Motael, Ambeno, Sarau, Maubara, Ermera, etc.), muito diversos entre si, falando trinta línguas diferentes, que se governavam a si próprios e se digladiavam mutuamente e com os quais as autoridades portuguesas tinham de negociar a sua presença. Até ao advento da fotografia, as únicas representações visuais dos timorenses eram feitas através de desenhos, como aquele da figura 2. Entre 1894 e 1896 diversas campanhas militares levadas a cabo pelo governador Celestino da Silva, acompanhadas de um recrudescimento da missão católica, conseguiram ampliar o domínio português na colónia, que foi reforçado com novas campanhas militares em 1911 e 1912¹⁶.

¹⁴ *Diário da Camara dos Deputados*, 22 de junho de 1891, p. 6. Outras manifestações desta representação podem ser encontradas em *Diário da Camara dos Deputados*, 20 de março de 1899, pp. 41-42

¹⁵ DORES, Rafael das. *A Força Armada em Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1901, pp. 2-4. DORES. *Album*, pp. 86, 202, 315 e 318. *Relatorio do Governador da Provincia de Macau e Timor de 30 de Setembro de 1889 com referencia a 1888-1889*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890, pp. 10-11. *Relatorios das Direcções das Obras Publicas das Provincias Ultramarinas. Anno Economico de 1888-1889*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891, p. 112.

¹⁶ ALEXANDRE, Valentim; DIAS, Jill (eds.). "O Império Africano 1825-1890". In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova Historia da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, vol. 10, pp. 769-770, 777-787, 790-791 e 800-801. BETHENCOURT, Francisco; CHAUDURI, Kirti (eds), *Historia da expansão portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2000, vol. 4, 48, 50, 203-204 e 485. BOAVIDA, Isabel. "Celestino da Silva, a rede de postos militares e a ocupação colonial efetiva de Timor português (1895-1905): Um processo (des)construtivo", *Journal of Asian History*, 2014, 48, n.º 2, pp. 227-261. BOVENSIEPEN, Judith. "Pacification and Rebellion in the Highlands of Portuguese Timor". In ROQUE, Ricardo; TRAUBE, Elizabeth G. (eds.). *Crossing Histories and Ethnographies: Following Colonial Historicities in Timor-Leste*. Nova York: Berghahn, 2019, pp. 131-154. DAVIDSON, Katharine. "The Portuguese colonisation of Timor: the final stage, 1850-1912". Sydney: The University of New South Wales, 1994. Dissertação de doutoramento. DORES. *Album*, p. 87. INSO. "Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia", pp. 188-190. INSO. "Sociedade de Geographia. 4.ª Conferencia", pp. 197-198 e 211-212. MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000, pp. 724-726, 729, 734, 738-742, 744, 748-753 e 774. MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor no período republicano*. Lisboa: Fundação Oriente, 2003, pp. 521, 529-531 e 539-547. MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). "O Império Africano 1890-1930". In SERRÃO; MARQUES, op. cit., vol. 11, pp. 729, 733-737, 749-754, 759-762 e 767. PENHA GARCIA. Conde de. *Algumas Palavras sobre a Colonização de Timor*. Lisboa: A Liberal – Officina Typographica, 1901, pp. 4-7. *Relatorio do Governador*, pp. 10 e 17. ROQUE, Ricardo. "Timor Etnográfico: antropologia e arquivo colonial". *Anuário Antropológico*, 2017, 42, n. 2, p. 12. SILVA, J.

Figura 2. Um guerreiro timorense (c. 1900)



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, *Guerriero di Timor (Amfoang)*, E. 3707 P., disponível em: purl.pt/12332

A fonte e proposta de metodologia para a sua análise

A amostra imagética analisada neste artigo (tabela 1) é composta por 138 fotografias (121 originais e dezassete duplicados) preservadas no Centro

G. Montalvão e. *A Mão d'Obra em Timor. Breve memoria sobre o seu territorio, clima, produção, usos e costumes indigenas, industria, agricultura e commercio*. Lisboa: Tipografia A Editora, 1910, pp. 5, 8-9 e 27-28. SILVA, J. Gomes da. *Em Timor*. Macau: Tipografia Mercantil, 1892, pp. 22 e 85. SILVA, *Relatorio das Operações*, pp. 40-41. SOUSA, Lucas Brandão de. "Timor-Leste nas coleções de imagens do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP): uma rede de informação e conhecimento". Porto: Universidade do Porto. Dissertação de mestrado, p. 45. "Timor – a ignorada", p. 729.

Português de Fotografia (76), na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (18), publicadas na imprensa ilustrada portuguesa da época (27) e reproduzidos como bilhetes postais ilustrados (estes últimos identificados por Lucas Brandão de Sousa na sua dissertação de mestrado)¹⁷. Os títulos da imprensa ilustrada consultados foram *O Occidente* e *Ilustração Portuguesa*, duas revistas generalistas publicadas quinzenal e semanalmente, que recorriam abundantemente à fotografia, com distribuição em todo o território português metropolitano e com um preço de venda ao público alto, mas ainda assim acessível a muitos¹⁸.

As fotografias analisadas neste estudo são as únicas conhecidas de Timor tiradas durante um período crítico do colonialismo português, entre a década de 1890, quando Portugal tentou reforçar a sua posição imperial, na sequência do Ultimato Inglês que exigiu a retirada das forças lusas colocadas entre Angola e Moçambique¹⁹, e as vésperas da Primeira Guerra Mundial, que pôs em causa o otimismo preconizado pela combinação entre liberalismo, capitalismo e inovação técnico-científica²⁰.

¹⁷ SOUSA, “Timor-Leste nas coleções de imagens do Museu de História Natural e da Ciência”, p. 84-87.

¹⁸ PEREIRA, Hugo Silveira “Witnessing Colonial Warfare in Early-20th Century Portugal: The Photographic Reportage of the Kwamato Campaign in South Angola (1907)”, *International Journal of Military History and Historiography*, 2023, ahead of print, p. 6.

¹⁹ ALEXANDRE, DIAS, *op. cit.*, pp. 645-648.

²⁰ ROSHWALD, Aviel; STITER, Richard. *European Culture in the Great War*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Tabela 1. Conjuntos fotográficos de Timor analisados neste artigo, com indicação das suas datas prováveis e fontes.

Denominação do conjunto de imagens	Anos	#	Fonte(s)
<i>Costumes e tipos do Distrito de Timor</i>	1890-1910	59 ^{21*}	Centro Português de Fotografia, Coleção Álbuns Fotográficos, Costumes e tipos do Distrito de Timor, PT/CPF/CAF/0009, disponível em digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=60427
<i>Costumes de Timor</i> (duas folhas)	Década de 1890 (?)	17	Centro Português de Fotografia, Coleção Nacional de Fotografia, Tenente-Coronel Rafael das Dores, Costumes de Timor, PT/CPF/CNF/1735/00010 e PT/CPF/CNF/1735/00116
<i>Album Biographico e Geographico</i>	1871-1873, 1878, 1886, 1891-1892	18	Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Album Biographico e Geographico, CFT170, disponível em www.bibartepac.gulbenkian.pt
Publicadas na imprensa ilustrada (dois periódicos)	1905, 1909, 1912-1914	27	<i>Ilustração Portuguesa; O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e no Estrangeiro</i> , disponíveis em hemerotecadigital.cm-lisboa.pt
Bilhetes postais ilustrados		17 ^{22*}	Arquivo de Macau, 帝汶明信片 (Postais de Timor), MO/AH/ICON/MTL/TP, disponível em www.archives.gov.mo/webas/Default.aspx?parentID=58042 ; Coleção Agrupamento de Escolas José Estêvão, Postais de Timor, disponível em ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais4/TimorPost03.htm

A análise de imagens fotográficas deve partir do princípio de que estas, ainda que capturem um momento que ocorreu efetivamente no espaço e no tempo, são produtos subjetivos que resultam das escolhas dos fotógrafos (ângulo, composição, pessoas retratadas) e dos objetivos que pretendem atingir²³. No

^{21*} Este álbum contém uma fotografia que foi republicada no *Album Biographico e Geographico* de Rafael Dores, pelo que não foi contabilizada.

^{22**} Este conjunto contém nove fotografias em comum aos dois acervos indicados, que não foram contabilizadas.

²³ DANIELS, Stephen; COSGROVE, Denis. "Introduction: iconography and landscape". In COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (eds.). *The Iconography of Landscape. Essays on the symbolic representation, design, and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 1. DUBOIS, Philippe. *O Acto Fotográfico*.

período das fotografias analisadas neste trabalho, as baixas velocidades de obturação obrigavam a que os retratados se mantivessem imóveis por alguns segundos para que o resultado fosse nítido, o que adiciona mais uma camada de subjetividade à imagem fotográfica²⁴.

Todavia, as fotografias eram apresentadas e aceites como produtos objetivos, uma vez que resultavam do trabalho de uma máquina – a câmara fotográfica – que obedecia às leis imutáveis da Física e da Ótica, em claro contraste com as pinturas ou desenhos, alegadamente maculados pela subjetividade intrínseca dos seus autores²⁵.

Assim, ao oferecer representações subjetivas da realidade, disfarçadas e aceites como factos objetivos, a fotografia tornou-se uma importante ferramenta para produzir ideologia, legitimar determinadas narrativas e, para o caso específico deste artigo, criar representações de regiões longínquas²⁶. Recorro aqui às reflexões do antropólogo Tim Ingold, que afirma que a construção de paisagens e territórios tem uma componente de imaginação, que influencia a forma como essas paisagens e esses territórios são percebidos e representados²⁷. Deste modo, dialogo com o enfoque desta revista, que olha para as regiões como espaços imaginários, ideológicos e simbólicos, além de espaços físicos e materiais.

A análise de imagens fotográficas não é um trabalho fácil nem óbvio, uma vez que a fotografia é uma mensagem sem código – como refere o sociólogo francês Roland Barthes. O mesmo autor fornece, porém, algumas diretrizes que permitem fazer um exame crítico a acervos fotográficos. Barthes começa por sugerir que cada fotografia contém dois elementos associados a duas mensagens específicas: o significante, que identifica o objeto/figura retratado/a, e remete para a mensagem denotada, que é um análogo da realidade;

Lisboa: Vega, 1992, pp. 29 e 45.

²⁴ CARVALHO, Rómulo de. *História da Fotografia*. Coimbra: Atlântida Editorial, 1976, pp. 130-131.

²⁵ DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *Objectivity*. Nova York: Zone Books, 2007, pp. 44, 121-125, 189-197 e 258. SCHWARTZ, Joan M.; RYAN, James R. "Introduction: Photography and the Geographical Imagination". In SCHWARTZ, Joan M.; RYAN, James R. (eds.). *Picturing Place: Photography and the Geographical Information*, Nova York: Tauris, 2003, p. 8.

²⁶ KELSEY, Robin. "Is Landscape Photography?". In DOHERTY, Gareth; WALDHEIM, Charles (eds.). *Is Landscape...? Essays on the Identity of Landscape*. Londres: Routledge, 2016, p. 90; PHU, Thy. "Vietnamese Photography and the Look of Revolution". In SMITH, Shawn Michelle; SLIWINSKI, Sharon (eds.). *Photography and the Optical Unconscious*. Durham, NC: Duke University Press, 2017, pp. 304-316; WEISS, Sean. "Making Engineering Visible: Photography and the Politics of Drinking Water in Modern Paris". *Technology and Culture*, 2020, 61, n. 3, p. 743.

²⁷ INGOLD, Tim. "Introduction". In JANOWSKI, Monica; INGOLD, Tim (eds.). *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. Londres: Routledge, 2012, p. 10.

e o significado, que se refere à representação transmitida, e remete para a mensagem conotada, que consiste na forma como a sociedade representa a realidade. Da acumulação de significantes e significados através de conjuntos fotográficos resulta o signo ou mito produzido pela fotografia²⁸. Estes conceitos e estas diretrizes presidem à análise que farei na secção seguinte.

Na metodologia barthesiana, o reconhecimento dos significantes está conectado àquilo que Barthes chama de *punctum*, aquele detalhe que se destaca na fotografia, assume um valor maior para o observador e perfura a sua mente²⁹. Naturalmente, o *punctum* numa imagem varia de pessoa para pessoa. Para o identificar com mais certeza, a análise da legenda da fotografia é essencial, uma vez que esta direciona e condiciona o olhar do observador para um pormenor ou representação específica que o seu autor deseja realçar³⁰.

Já para melhor identificar os significados e os signos presentes nas fotografias, Barthes salienta a necessidade de conhecer o seu contexto sociocultural – aquilo que chama de *studium*. A este respeito, o teórico gaulês chama a atenção para a relevância de conhecer os autores das fotografias e aqueles que as encomendaram ou ordenaram, bem como os seus objetivos. No caso das fotografias de Timor analisadas neste artigo, não posso incluir esta informação no estudo, uma vez que só as dezassete imagens dos dois álbuns de *Costumes de Timor* e as dezoito do *Album Biographico e Geographico* (tabela 1) permitem identificar o seu autor: o já citado Rafael das Dores. No que respeita às demais, não se conhece o seu autor.

Barthes salienta ainda a historicidade do código de conotação, ou seja, a interpretação dos significados e da mensagem conotada depende em grande medida no conhecimento histórico do observador³¹. Anteriormente, já referi em traços largos a situação histórica de Timor entre finais do século XIX e inícios da centúria de Novecentos. Durante a análise das fotos, indicarei outros detalhes e contornos históricos mais específicos, que sejam importantes para o trabalho de interpretação. O exercício de compreender as fotografias com o seu contexto histórico deve incluir também o seu confronto com fontes

²⁸ BARTHES, Roland, *Image, Music, Text*. Londres: Fontana Press, 1977, pp. 17-37. BARTHES, Roland, *Mythologies*. Nova York: The Noonday Press, 1972, pp. 109-156.

²⁹ BARTHES, Roland, *Camera Lucida. Reflections on Photography*. Nova York: Hill & Wang, 1981, pp. 26-27 e 42.

³⁰ BURGIN, Victor. “Re-reading Camera Lucida”. In BATCHEN, Geoffrey (ed.). *Photography Degree Zero: Reflections on Roland Barthes’s Camera Lucida*. Cambridge, MA: MIT Press, 2009, p. 33. FRANKLIN, Margery B.; BECKLEN, Robert C.; DOYLE, Charlotte L. “The Influence of Titles on How Paintings Are Seen”. *Leonardo: Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology* 1993, 26, n.º 2, pp. 103-108.

³¹ BARTHES, *Camera Lucida*, pp. 26-27. BARTHES, *Image, Music, Text*, p. 28.

escritas coevas (de preferência diretamente ligadas à própria imagem), o que permite ainda determinar qual dos muitos significantes na fotografia prevalece e assim restringir o peso dos preconceitos e próprias representações do historiador³². Neste trabalho, tive em atenção as notícias e descrições que acompanharam as fotografias nas revistas ilustradas e nos álbuns, bem como debates parlamentares, relatórios de administradores coloniais e opinião publicada por especialistas ou interessados nos negócios do então Ultramar.

Para facilitar a análise deste *corpus* fotográfico, procedi a uma análise sistemática das imagens e dividi-as em categorias temáticas com significantes similares, seguindo a sugestão metodológica da especialista em comunicação e jornalismo Márcia Benetti³³ (tabela 2). Esta divisão baseia a estrutura da análise na secção seguinte. São igualmente categorias recorrentes em coleções fotográficas posteriores³⁴.

Tabela 2. Categorias da amostra analisada, com indicação do número de fotografias incluídas em cada uma delas

Categoria	Melhoramentos materiais	Presença portuguesa em Timor	Pessoas timorenses	Arquitetura vernacular	Geografia de Timor
#	35	12	52	11	11
%	28.9%	9.9%	43.0%	9.1%	9.1%

Luzes e sombras nas fotografias de Timor colonial

A primeira reflexão que sobressai do conjunto de fotografias sobre Timor é o seu reduzido número. Para o mesmo período histórico, encontram-se facilmente milhares de imagens fotográficas sobre as colónias portuguesas da Índia e de África³⁵, enquanto para Timor apenas identifiquei pouco menos de uma centena e meia. O mesmo se verifica na imprensa ilustrada (revistas *Ilustração Portuguesa* e *Occidente*), onde encontrei somente 27 fotografias em

³² BARTHES, *Image, Music, Text*, pp. 25-26 e 39; DANIELS; COSGROVE, “Introduction”, p. 1.

³³ BENETTI, Márcia. “Análise do discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos”. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (eds.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, pp. 112-113.

³⁴ SOUSA, “Timor-Leste nas coleções de imagens do Museu de História Natural e da Ciência”, pp. 3, 120-123.

³⁵ VICENTE, Filipa Lowndes. “Goa Displayed in Goa: The 1860 Industrial Exhibition of Portuguese Colonial India”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2018, 115, pp. 159-182. VICENTE, *O Império da Visão*.

oito números diferentes (figura 3), ao passo que as demais colónias foram publicitadas com fotografias em dezenas de edições daquelas duas revistas. À medida que se avança no século XX, o número de fotografias de Timor aumenta consideravelmente³⁶, mas até meados da década de 1910, são poucas as imagens fotográficas que retratam a colónia. Este facto acaba por não surpreender, refletindo o pouco interesse que a metrópole nutria pela colónia, como já referi anteriormente. Em todo o caso, as fotografias encerram algumas representações importantes para o estudo deste período colonial, apesar da sua reduzida quantidade.

Figura 3. Distribuição geográfica das fotografias sobre Timor publicadas na *Ilustração Portuguesa* e n'*O Occidente*



Fonte: Elaboração do autor através do Google Maps com os dados encontrados na *Ilustração Portuguesa* e no *Occidente*

Nos seus *Ensaios Sobre Fotografia*, Susan Sontag recorda que “fotografar é conferir importância”³⁷. Neste sentido, pode concluir-se que os olhares dos fotógrafos portugueses deram claramente uma maior importância aos aspetos locais, antropológicos, de Timor, nomeadamente aos seus habitantes (cujas fotografias representam mais de metade das imagens analisadas) e à arquitetura vernacular. Seria interessante conhecer qual a relação entre fotógrafos metropolitanos e timorenses colonizadas, no entanto, essa informação não está disponível nas fontes.

³⁶ SOUSA, “Timor-Leste nas coleções de imagens do Museu de História Natural e da Ciência”, pp. 75-87.

³⁷ SONTAG, Susan. *Ensaios Sobre Fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986, p. 34.

Comparando com outras coleções de fotografia colonial, a relevância dada àqueles aspetos é bastante superior nas imagens de Timor. Em contrapartida, as representações da presença portuguesa no território, seja através de manifestações de autoridade ou poder, seja através de melhoramentos materiais, é mais diminuta. Novamente, esta análise vai ao encontro de uma realidade de falta de investimento na colónia por parte da metrópole. Por fim, as fotografias que ilustram detalhes da geografia timorense têm igualmente um peso reduzido na amostra, o que pode ser explicado pela pequena dimensão do território e pelo muito maior interesse dos fotógrafos pelos aspetos humanos e sociais do mesmo.

Dar a conhecer os timorenses e os seus costumes

As imagens fotográficas de pessoas timorenses, além de ilustrarem o investimento feito pelo império desde final do século XIX no estudo das etnias, culturas e línguas de Timor³⁸, transparecem também o conhecimento que as autoridades coloniais portuguesas tinham da sociedade local, que se dividia em *dattós*, *ema* e escravos. Os *dattós* eram o equivalente à nobreza europeia. Aqui se incluíam os *liurais* ou *leorays* (líderes de cada reino) e os *sucos* (chefes das circunscrições de cada reino), que recebiam o poder por hereditariedade ou eleição, exercendo-o de forma despótica com base nos estilos e tradições de cada reino. Tanto *liurais* como *sucos* podiam usar o título de *Dom*, seguido de um pomposo nome português. De acordo com fontes coevas, algumas nações timorenses eram muito devotas do rei de Portugal e guardavam antigas bandeiras portuguesas como talismãs³⁹. Para fomentar uma relação amigável com estas lideranças, os portugueses atribuíam-lhes também patentes militares: os *liurais* eram coronéis ou tenentes-coronéis enquanto os *sucos* eram majores, capitães, tenentes ou alferes. *Ema* representava o povo e era composto pelos guerreiros dos exércitos (*arraiais*) dos *dattós* e por outros grupos, a quem eram impostos tributos diversos. Aqueles que não conseguissem suportar estes tributos ou que fossem capturados em situações de guerra eram remetidos à condição de escravo⁴⁰.

As fotografias analisadas neste artigo ilustram esta divisão social assim como a prevalência social dos *dattós*. Em *Costumes de Timor* e em *Costumes e tipos*

³⁸ ROQUE, *op. cit.*, p. 12.

³⁹ PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 6. SILVA, *Relatório das Operações*, p. 38.

⁴⁰ ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano”, pp. 770-771. DORES. *Apontamentos*, p. 4. PENHA GARCIA. *op. cit.*, pp. 5-6. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, pp. 26-27.

do *Districto de Timor* (tabela 1), encontram-se 21 fotografias de *dattós*, distinguindo-se dezasseis *liurais* e três *sucos* (um dos *liurais* tem três fotografias). Em relação aos primeiros, a legenda indica claramente o título de *Dom*, *régulo* ou *rainha* antecedendo o nome do retratado (Luís de Luca, Domingos de Vemace, Tomás de Carvalho, João de Cayrui, Manoel Ximenes, Afonso, retratado três vezes, Mateus, Maria) ou apenas o nome do reino liderado ou ambos. Uma das imagens de *lurais* omite o *Dom*, mas a patente de coronel (Piato) indicia que se trata também de um destes régulos. A maioria dos *liurais* é composta por homens, aparentando entre quarenta e sessenta anos, mas duas das fotografias mostram duas rainhas (fontes coevas testemunham uma relativa igualdade entre homens e mulheres na sociedade timorense, que justifica a liderança feminina em alguns reinos)⁴¹. Quatro dos *liurais* envergam um uniforme militar português (ou aparentado) e calçado e ou têm bigode ou se apresentam bem barbeados, enquanto uma das rainhas veste também à europeia (vestido comprido, colar e chapéu) e os restantes dez (incluindo a outra rainha) usam trajes timorenses (*sarão* ou *lipa*)⁴² e estão descalços, o que pode indiciar uma maior ou menor afinidade com as autoridades lusas, respetivamente. Os homens têm peras ou barba mais farta e alguns retratam-se acompanhado de um ou mais subordinados (ou aias no caso das rainhas) ou de familiares. O elemento predominante nos *Dom* vestidos à europeia é a presença de uma espada, símbolo de autoridade militar. O coronel Piato, além de se apresentar desarmado, segura uma bengala, o que sugere que a idade o impediu de se dedicar à guerra e de ostentar o título de *Dom*.

Quanto aos *sucos* (major Carvalho, capitão Silva e capitão Cunha), todos vestem *sarões* ou *lipas* e empunham espingardas. Dois deles (capitães Silva e Cunha) têm também pistolas embainhadas e colares de munições ao peito, enquanto o major Carvalho preferiu munir-se de uma espada enquanto posava para a câmara.

As restantes fotografias apresentam membros do *ema*. As imagens em *Costumes de Timor* distinguem-se por, nas legendas, nomearem e identificarem os retratados. Incluem um soldado de arraial (Cosme, sem títulos nem patentes militares na respetiva legenda), um artesão (Sautake), um casal sem nome, várias mulheres (Júlia, Maria, Juliana, Marta e Libânia, todas com roupas timorenses) e algumas crianças (Militão, Marciano, Joaquim, com tronco e pernas descobertos). O artesão e as mulheres foram fotografados com alguns

⁴¹ SILVA. *A Mão d'Obra em Timor*, p. 31.

⁴² MARQUES. "O Império Africano", p. 792.

artefactos toscos e simples, ilustrando que a indústria local era existente, mas incipiente e destinada a satisfazer necessidades imediatas⁴³.

Já o álbum *Costumes e tipos do Districto de Timor* adota uma perspetiva mais desumanizadora. Diferentes indivíduos, grupos étnicos e atividades são amalgamados sob uma legenda genérica de “costumes”. Noutras imagens, a legenda é mais específica, mas ainda assim generalizadora, identificando “revoltosos”, “crianças”, “família timora [sic]”, “presos”, “polícia”, “companhia de limpeza” ou “gentia” (o termo como os portugueses classificavam os timorenses do ponto de vista religioso, como não-cristãos, com práticas classificadas de “idolatria”, “superstição” e imoralidade)⁴⁴, mas a nenhum retratado é atribuído um nome próprio. Estas fotografias dão uma imagem semelhante àquela oferecida pela gravura reproduzida na figura 2, salientando e validando pela objetividade da máquina fotográfica o pitoresco e o exotismo do Outro tropical. Alguns referentes são comuns a ambas, como a espingarda ao ombro do guerreiro ou o vestuário. Já o adorno que traz às costas não encontra eco nas imagens fotográficas.

Uma outra perspetiva da desumanização referida anteriormente é fornecida por uma das imagens do álbum editado por Rafael das Dores, que adiciona uma nova camada de dominação imperial, ao retratar um conjunto de mulheres timorenses banhando-se num curso de água (figura 4). As colónias sempre foram encaradas como espaços de oportunidades sexuais onde os homens europeus podiam concretizar as suas fantasias eróticas. Timor, onde “o tipo das mulheres da ilha tem seus toques de formosura”⁴⁵, não era exceção. As mulheres colonizadas eram objetos de desejo e de conquista, não muito diferente dos territórios e dos recursos ultramarinos, sendo sexualizadas nas representações que sobre si eram criadas⁴⁶. A fotografia (tal como a incluída no *Album* de Rafael das Dores) fazia parte dessa conquista, uma vez que muito provavelmente era praticada sem consentimento das retratadas (ou pelo menos sem as informar do que estava em causa com a prática fotográfica) e com

⁴³ MARQUES. “O Império Africano”, p. 764. MARQUES. *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*, p. 739. PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 7. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 7.

⁴⁴ ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano”, p. 776. “Timor – a ignorada”, pp. 729 e 731. ROQUE, *op. cit.*, p. 15

⁴⁵ ZOLA. *Quatorze Annos de Timor*. S. l.: s. n., 1909, p. 60.

⁴⁶ MATOS, Patrícia Ferraz de. *The Colours of the Empire: Racialized Representations During Portuguese Colonialism*. Nova York: Berghahn Books, 2013, p. 130. McCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova York: Routledge, 1995, p. 22. STOLER, Ann Laura; COOPER, Frederick Cooper. “Between Metropole and Colony. Rethinking a Research Agenda”. In STOLER, Ann Laura; COOPER, Frederick Cooper (eds.). *Tensions of Empire. Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 5.

objetivos que iam além do mero interesse antropológico etnográfico⁴⁷. Aliás, fotografias deste género de mulheres brancas seriam consideradas eróticas e, como tal, proibidas. A figura da mulher casta e recatada era elogiada, ao passo que a mulher desnuda era conotada com a prostituição e representada como à disposição do homem⁴⁸. A mulher colonizada era assim incluída neste segundo grupo.

Figura 4. Um grupo de mulheres timorenses banhando-se (legenda original: “Banho das Timoras” [sic])



Fonte: DORES. *Album*, p. 82

⁴⁷ VICENTE, Filipa Lowndes. “Fotografia e colonialismo: para lá do visível”. In JERÓNIMO, Miguel Bandeira (ed.). *O Império Colonial em Questão (sécs. XIX -XX)*. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 446.

⁴⁸ MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). “Portugal da Monarquia para a República”. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, vol. 11, pp. 655-657. SANTANA, Maria Helena; LOURENÇO, António Apolinário. “No leito. Comportamentos sexuais e erotismo”. In MATTOSO, José (ed.). *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011, pp. 254-261. SOUSA, Fernando de; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). “Portugal e a Regeneração (1851–1900)”. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2004, vol. 10, p. 426. STOLER, Ann Laura. *Carnal Knowledge and Imperial Power. Race and the Intimate in Colonial Rule*. Berkeley, CA: University of California Press, 2010, pp. 30 e 49. STOLER, Ann Laura. *Race and the Education of Desire. Foucault’s History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press, 1995, pp. 91 e 128. TRAVASSOS, Lorena Christina Barros. “Missões Antropológicas de São Tomé (1954) e Angola (1955): caminhos para a descolonização da fotografia colonial”, *Estudos Históricos*, 2021, 34, n.º 72, p. 101. VICENTE, Filipa Lowndes; GOMES, Inês Vieira Gomes. “Inequalities on Trial: Conflict, Violence and Dissent in the Making of Colonial Angola (1907-1920).” In BETHENCOURT, Francisco (ed.), *Inequality in the Portuguese-speaking world: global and historical perspectives*. Brighton: Sussex Academic Press, 2018, p. 229.

Todas estas imagens aproximam-se do formato de fotografias de *tipo*, que retratavam um elemento de uma comunidade, generalizando as características do indivíduo a todo o seu grupo, com o objetivo geral de construir um catálogo antropológico (e profundamente estereotipado) dos domínios coloniais⁴⁹. Por outro lado, mostram também uma vontade de conhecer o *outro* (o não-europeu)⁵⁰, pelo exotismo que era atribuído às populações nativas pelos olhos europeus⁵¹, mas sobretudo por motivos políticos – para acumular informação sobre as lideranças militares e elites locais, com quem o estabelecimento de relações cordiais era considerado crucial para manter e ampliar o domínio português⁵². A fotografia contribuiu para uma protoconstrução de um “Timor etnográfico” – para usar a expressão de Ricardo Roque – que ligava a colônia à metrópole numa visão do império e que viria a conhecer um maior desenvolvimento ao longo do século XX a nível científico e político⁵³.

Algumas destas perspectivas coloniais sobre os povos colonizados conheceram uma difusão mais ampla ao serem publicadas nas revistas ilustradas da metrópole ou transformadas em bilhetes postais ilustrados⁵⁴. A imprensa ilustrada detinha o poder de concetualizar uma visão do mundo para as suas comunidades de leitores e de, no caso da reprodução de fotografias imperiais, de criar e disseminar uma experiência colonial e uma ideia de império⁵⁵. O estilo fotográfico promovido pela *Ilustração Portuguesa* e pel’*O Occidente* não foge sobremaneira àquele seguido nas fotografias analisadas até aqui. Somente os *dattós* são identificados pelo nome (régulos Samara, de Balibó, e D. José, rei de Irtelo)⁵⁶. Já os membros do *ema* são definidos pela sua atividade (auxiliar

⁴⁹DIAS, “Photographic Sources”, p. 70. ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz. “Fotografias de Angola do Século XIX: o ‘Álbum Fotográfico-Literário’ de Cunha Moraes”. *Tempos e Espaços em Educação*, 2019, 12, n.º 31, p. 175.

⁵⁰Cf. COSTA, Cátia Miriam. “O outro na narrativa fotográfica de Velloso de Castro: Angola, 1908”. *Culturas Populares. Revista Electrónica*, 2008, 7, s. p.

⁵¹ROCHA; MATOS. “Fotografias de Angola”, p. 176.

⁵²ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano”, pp. 792-793. DORES. *Apontamentos*, pp. 6-7. INSO. “Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia”, p. 189. PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 6. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, pp. 25-26. SILVA. *Em Timor*, pp. 73-75. SILVA. *Relatorio das Operações de Guerra*, pp. 35-36. “Timor – a ignorada”, p. 730.

⁵³ROQUE, *op. cit.*, p. 24.

⁵⁴SOUSA, “Timor-Leste nas coleções de imagens do Museu de História Natural e da Ciência”, pp. 84-87.

⁵⁵BEEGAN, Gerry. *The Mass Image. A Social History of Photomechanical Reproduction in Victorian London*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008, p. 2. MARTINS, Leonor Pires. *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*. Lisboa: Edições 70, 2015. ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz, “Fotografia Colonial: Materialidades e Imaterialidades Identitárias no Contexto Português”, *Criar Educação*, 2018, 7, n.º 2, s. p.

⁵⁶*Ilustração Portuguesa*, 1909, 7, n.º 172, pp. 729-730.

militar, soldado, músico) ou abrangidos no termo genérico de “nativos”⁵⁷. De igual modo se nota a sexualização da mulher timorense pela imprensa ilustrada, não tanto pela fotografia em si (não tão intrusiva quanto a do álbum de Rafael das Dores), mas pela legenda que se lhe refere como “Uma beleza indigena”⁵⁸ – a mulher é valorizada apenas pelos seus traços físicos, ignorando-se tudo o resto. Apenas duas imagens fogem a estas características ilustrando duas atividades timorenses coletivas: uma mostrando mulheres a pilar arroz e outra exibindo um combate de galos (figura 5), uma diversão usual em Timor⁵⁹.

Figura 5. Timorenses assistindo a um combate de galos em Baucau (legenda original: “Como o indigena se distrahe: o jogo do gallo na explanada da fortaleza de Baucau”)



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 1909, 7, n.º 172, p. 732

Estas fotografias de pessoas timorenses têm um importante aspeto em comum: nenhum dos fotografados sorri e todos se apresentam de semblante

⁵⁷ *Ilustração Portuguesa*, 1909, 7, n.º 172, pp. 729-730 e 734. *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e no Extranjeiro*, 1913, 36, n.º 1241, p. 177; 1914, 37, n.º 1277, 197.

⁵⁸ *Ilustração Portuguesa*, 1909, 7, n.º 172, p. 729.

⁵⁹ MARQUES. “O Império Africano”, p. 794. “Timor – a ignorada”, pp. 732-733.

carregado e com uma pose retraída (alimentando a percepção portuguesa de que os timorenses eram profundamente desconfiados)⁶⁰, não escondendo o seu desconforto com aquela atividade, que provavelmente não compreendiam e à qual certamente não deram o seu consentimento⁶¹.

Outro aspeto interessante a realçar reside no facto de estas imagens não evidenciarem claramente algumas representações mentais e culturais que os portugueses tinham sobre os timorenses, nomeadamente a sua percecionada indolência, a sua falta de higiene (“O timor não tem a mais ligeira preocupação com a hygiene”⁶² – como chegou a escrever o governador Celestino da Silva), o estado tido como primitivo das suas práticas agrícolas e comerciais e a sua anunciada selvajaria, barbárie e belicosidade, culminada na prática de decapitar os adversários e ostentar as cabeças decepadas como troféus⁶³. A fotografia só insinuava esta última percepção quando retratava o vestuário, o armamento ou as habitações dos timorenses (figura 6), cuja simplicidade era conotada com primitivismo. Simultânea e conseqüentemente, estabelecia-se uma distinção para com os timorenses que se vestiam à europeia, um detalhe que era conotado com um estado superior de *civilização*. A capacidade da fotografia de criar representações tinha de ser condicionada e dirigida através da dimensão textual. Assim, se as habitações eram apodadas de “barracas”, que promoviam a promiscuidade⁶⁴, ou de fortalezas medievais (no caso das casas nas montanhas)⁶⁵ os timorenses eram descritos como vivendo “num estado quase selvagem”, promovendo um “ambiente de horrores e crueldades”, “pouco ou nada propensos ao trabalho” e com um “entranhado amor á terra natal”, que os fazia “ama[r] a guerra como um desporto”⁶⁶. Os colonialistas portugueses concluíam que os timorenses eram “raças caducas, de quem não ha a esperar grandes progressos civilisadores”, ainda que fossem “susceptíveis

⁶⁰ SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 24.

⁶¹ Sobre a importância da pose, ver: AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York, Zone Books, 2008, p. 172. BARTHES, *Image, Music, Text*, p. 22.

⁶² SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 11.

⁶³ ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano”, pp. 772-773. INSO, “Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia”, p. 189. INSO, “Sociedade de Geographia. 4.ª Conferencia”, pp. 197-198. MARQUES. *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*, pp. 733 e 739. PENHA GARCIA. *op. cit.*, pp. 4-6. ROQUE, Ricardo. *Headhunting and Colonialism. Anthropology and the Circulation of Human Skulls in the Portuguese Empire, 1870-1930*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2010, pp. 24-27. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, pp. 6 e 24-29. SILVA. *Em Timor*, pp. 56-58 e 67. SILVA. *Relatório das Operações de Guerra*, p. 36. “Timor – a ignorada”, pp. 729-732.

⁶⁴ DORES. *Album*, p. 85. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 11.

⁶⁵ INSO, “Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia”, p. 188. PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 4.

⁶⁶ INSO, “Sociedade de Geographia. 4.ª Conferencia”, p. 197.

de educação e aproveitamento convenientemente conduzidas com carinhoso e paternal interesse” pela ação dos colonizadores portugueses⁶⁷.

Figura 6. Habitações timorenses em Montael (legenda original: “Barracas do Carqueto”)



Fonte: DORES. *Album*, p. 85

Outras representações, porém, encontravam na fotografia um meio importante de divulgação e de reiteração, que não carecia tão gravemente do suporte textual. A debilidade física dos timorenses era mais facilmente

⁶⁷ SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 12 (citação) e 30. Ver também PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 8.

discernível nas imagens fotográficas. Este era um detalhe importante que contribuía para suportar a tese de que os timorenses não podiam ser submetidos ao trabalho forçado (mas a atividades menos duras como a cultura do café)⁶⁸. O governador Celestino da Silva foi dos poucos que sustentou o contrário argumentando que “Para não haver guerra, é indispensável que se force o indigena [timorense] ao trabalho”⁶⁹. Na colónia, o trabalho forçado foi aplicado apenas como pena criminal para castigar o cometimento de alguns crimes por parte dos timorenses⁷⁰.

Civilização e progresso

Desde os tempos da Conferência de Berlim que a construção de infraestruturas e de outros melhoramentos materiais era encarada como um fator-chave de *progresso*, de colonização e de *civilização* dos espaços coloniais: além de permitirem a exploração dos recursos naturais das colónias, concorriam para a afirmação da soberania da metrópole imperial, através de uma *civilização*, *domesticação* e europeização da paisagem colonial e dos seus habitantes⁷¹.

De acordo com fontes da época e estudos recentes, Timor estava muito atrasado na corrida do *progresso*. A ausência das infraestruturas a que os portugueses se vinham habituando na metrópole (sobretudo estradas e outros meios de transporte) era notória e apontada como um dos principais fatores para o subaproveitamento económico da colónia. Em 1892, Montalvão e Silva afirmava taxativamente que “Dilly não tem uma unica estrada digna d’esse nome”⁷². Rafael das Dores refere, a este propósito, que, um ano antes, demorou dois dias a percorrer os cerca de 100 km do percurso entre Dili e a contracosta. A capital estava cercada de pântanos, que concorriam para a insalubridade da cidade, e sofria com um défice de meios e de profissionais de saúde. Dispunha de um bom fundeadouro, mas com uma entrada estreita e perigosa. A vida social era inexistente, notando-se a ausência de teatros, grémios, centros

⁶⁸ *Diario da Camara dos Deputados*, 25 de junho de 1913, p. 16. *O Café em Timor por um Missionario*. Macau: Tipografia do Seminário, 1891, p. 10. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 21.

⁶⁹ SILVA. *Relatorio das Operações*, p. 43.

⁷⁰ SOUSA, Ponciano J. M. de. *Indice Alfabético, Cronológico e Remissivo da Legislação emanada quer do Govêrno e publicada oficialmente nesta Provincia desde a constituição do Distrito Autonomo até 30 de Junho de 1914*. Dili: Imprensa Nacional, 1914, p. 162.

⁷¹ DIOGO, Maria Paula; LAAK, Dirk van. *Europeans Globalizing. Mapping, Exploring, Exchanging*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

⁷² SILVA, *Em Timor*, p. 85.

de reunião ou outros espaços de convívio que existiam na metrópole⁷³. Fora da capital, a situação deste ponto de vista era ainda mais incipiente. A este propósito, Rafael das Dores referiu que quando se afastava de Dili sentia-se “sequestrado completamente dos que se dizem civilizados”, logo conhecendo “o contacto dos civilizados” quando regressava das suas missões⁷⁴.

Sem embargo, foram realizados alguns investimentos em infraestruturas, que, todavia, pouco contribuíram para alterar o panorama geral da colónia. Em Dili, desde a década de 1830, rasgaram-se ruas e abriram-se estradas (ainda que muito precárias) em direção ao interior e a outras cidades⁷⁵. A partir dos anos 1860, foram introduzidos alguns melhoramentos sanitários com a secagem de pântanos e a canalização de água potável. Em 1866, foi erigido o farol (indispensável para a navegação) e o forte e, na primeira década do século XX, a rede rodoviária estendia-se por cerca de 3,000 km, chegando-se mesmo a pensar na construção de um caminho de ferro, algo que, porém, nunca se concretizou. Pelo contrário, construiu-se uma ponte-cais e iniciou-se o serviço telefónico⁷⁶. Ao longo dos anos foram-se construindo alguns edifícios públicos (palácio do governo, quartel, cadeia, paiol, hospital, alfândega, arsenal, escola) que concorriam para a *domesticação*, *civilização* e europeização da paisagem urbana (embora as habitações reservadas aos servidores do Estado se encontrassem num estado precário)⁷⁷. Celestino da Silva, através das campanhas militares que organizou, contribuiu para a implementação de diversos postos militares no interior da ilha, ligados entre si por rodovias e linhas de telégrafo, bem como a realização de algumas obras públicas noutras cidades timorenses (Liquiçá, Maubara, Baucau, Batugadé, etc.)⁷⁸.

⁷³ DORES, *Album*, p. 316. DORES. *Apontamentos*, p. 27. INSO, “Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia”, 192. MARQUES, “O Império Africano”, p. 793. MOREIRA JÚNIOR, Manoel António. *Relatório e propostas de lei referentes ás provincias ultramarinas e ao districto autonomo de Timor apresentados na camara dos senhores deputados da nação portugueza na sessão legislativa de 1905. 1.ª Parte. Relatório*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905, p. 351. *Relatório do Governador*, p. 8. *Relatórios das Direcções das Obras Publicas*, p. 112. SILVA. *A Mão d’Obra em Timor*, p. 14. SILVA, *Em Timor*, pp. 34, 77-83 e 87. SILVA, *Relatório das Operações*, pp. 7-8 e 39.

⁷⁴ DORES, *Album*, p. 318.

⁷⁵ Arquivo de Macau, 帝汶明信片 (Postais de Timor), Trecho da rua principal – Díli, Timor, MO/AH/ICON/MTL/TP/001, disponível em www.archives.gov.mo/webas/ArchiveDetail2016.aspx?id=58051. Coleção Agrupamento de Escolas José Estêvão, Postais de Timor, Avenida marginal de Dili disponível em ww3.ajeje.pt/avcultur/avcultur/Postais5/Timor/035_Timor.jpg.

⁷⁶ Arquivo de Macau, 帝汶明信片 (Postais de Timor), Ponte cais – Díli, Timor, MO/AH/ICON/MTL/TP/008, disponível em www.archives.gov.mo/webas/ArchiveDetail2016.aspx?id=58058.

⁷⁷ Arquivo de Macau, 帝汶明信片 (Postais de Timor), Alfândega – Díli, Timor, MO/AH/ICON/MTL/TP/005, disponível em www.archives.gov.mo/webas/ArchiveDetail2016.aspx?id=58055.

⁷⁸ ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano”, pp. 791-792. BETHENCOURT; CHAUDURI, *Historia da expansão*, pp. 204 e 485. DORES. *Apontamentos*, pp. 6-7 e 27. INSO, “Na Sociedade de Geografia. 4.ª Conferencia”, 198.

Algumas das fotografias tiradas em Timor captam estes aspetos da modernização do território – tal como aliás acontecia na metrópole⁷⁹. Nestas imagens são discerníveis diversos melhoramentos materiais como edifícios da administração colonial (palácio do governo, câmaras municipais, alfândega), instalações militares (quarteis, arsenais, paióis), igrejas e conventos, hospitais, cemitérios, ruas, o farol de Dili (figura 7) ou o velho vapor que fazia a fiscalização da costa timorense. Todos se encontram numa posição central na composição da imagem, adicionalmente realçados pela legenda atribuída, assumindo-se, indubitavelmente, como o *punctum* das respetivas fotografias.

Figura 7. O farol de Dili



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 1905, n.º 88, p. 576

MARQUES, *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*, pp. 726, 750 e 781. MARQUES, “O Império Africano”, pp. 770-772. *Relatório do Governador*, p. 84. SILVA, *Em Timor*, p. 78. SOUSA, *Índice Alfabético, Cronológico e Remissivo*, pp. 78-79 e 125. “Timor – a ignorada”, p. 734.

⁷⁹PEREIRA, Hugo Silveira. “Herald of progress: Karl Emil Biel’s photographs of the technical modernisation of Portugal”, *Photographies*, 2022, 15, n.º 1, pp. 101-123.

Ainda que a visão fornecida por estas imagens fotográficas fosse extremamente restrita, uma vez que se debruçava sobre realidades muito específicas do território, contribuía para contrariar a perçecionada ausência de *progresso* na colônia, para negar a ideia de que Timor era um “cemitério de europeus”⁸⁰ e para evidenciar a europeização (ou *portugalização*) do território, ao mostrar infraestruturas que também existiam na metrópole. Esta evidência era também feita através da comparação entre as linhas arquitetónicas das construções europeias (mais sólidas e conotadas com *progresso* e durabilidade) e timorenses (mais frágeis e conotadas com primitivismo). Deste modo, a fotografia concorria igualmente para promover Timor na metrópole (uma função central da fotografia)⁸¹ e incentivar a migração de portugueses para a colônia, uma dificuldade sentida na época⁸². Aliás, esta era uma das medidas sugeridas por vários entendidos sobre questões timorenses, que recomendavam o redirecionamento da emigração portuguesa (incluindo a presente no arquipélago do Havai) e até chinesa para aquele território do extremo oriente⁸³. A fotografia servia como meio para fazer a publicidade de Timor. Este objetivo é especialmente visível no conjunto de fotografias que deu origem a bilhetes postais ilustrados, onde os melhoramentos materiais são a temática dominante.

A demonstração da ocupação material do território e paisagem timorenses era complementada com imagens da ocupação humana, que atestavam a efetivação da presença portuguesa na colônia. Estas incluíam diversas figuras humanas portuguesas, militares, civis, religiosas ou administrativas, que, nas fotografias ocupavam um lugar central (figura 8). Algumas agregavam indivíduos portugueses e timorenses, mas colocando os primeiros numa posição central e de predominância na composição, insinuando o seu domínio e alegada superioridade sobre os habitantes indígenas de Timor. Noutras fotografias, este papel é atribuído não a figuras humanas, mas a bandeiras que atestavam igualmente a presença e domínio portugueses⁸⁴.

⁸⁰ SILVA. *Relatório das Operações de Guerra*, p. 39.

⁸¹ MARTINS. *Um Império de Papel*, pp. 12, 19, 24, 94, 97 e 143.

⁸² MARQUES. *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*, p. 762. ALEXANDRE; DIAS. “O Império Africano” p. 772.

⁸³ PENHA GARCIA. *op. cit.*, p. 9, 10 e 13. SILVA, *A Mão d’Obra em Timor*, p. 46.

⁸⁴ *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e no Extranjeiro*, 1914, 37, n.º 1278, p. 211. *Ilustração Portuguesa*, 1913, 15, n.º 376, p. 566.

Figura 8. Membros do esquadrão de cavalaria de Balibó, dos quais a figura central, sentada, europeia, toma a predominância da imagem (legenda original: “Timor - A Ignorada. Os officiaes do esquadrão de Balibó”)



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 1905, 7. n.º 172, p. 734

Por outro lado, outras imagens retratando aspetos da geografia e da orografia da ilha evidenciavam a disseminada ausência pelo território de infraestruturas e outros símbolos materiais de *progresso* tecnocientífico. Aliás, um conjunto de fotografias publicado em 1905 na *Ilustração Portuguesa* acompanham e ilustram notícias dos efeitos destrutivos dos temporais que afetaram diversas casas e negócios na capital da colónia⁸⁵. Outras imagens, porém, podem insinuar a fertilidade, uberdade e potencial mineralógico de Timor, publicitando a ilha como um possível local de investimento e retorno financeiro. A exploração destes percebidos recursos era, na verdade, visto por alguns como a melhor forma para cimentar a presença portuguesa no território e dele retirar maiores rendimentos⁸⁶.

⁸⁵ *Ilustração Portuguesa*, 1905, 2, n.º 63, p. 162.

⁸⁶ SILVA. *Em Timor*, p. 33.

Conclusão: uma certa visão do Império

Ainda que o número de fotografias sobre Timor analisadas neste artigo seja reduzido, é suficiente para permitir conhecer que imagem foi criada daquela colônia. O aspeto que mais salta à vista é a clara preferência dos olhares dos fotógrafos portugueses pelos habitantes da colônia, refletindo uma atração por aquilo que era considerado o exótico colonial e a necessidade de conhecer melhor os homens e mulheres com os quais as autoridades portuguesas tinham necessariamente de lidar para concretizar uma presença negociada em Timor. Tendo em conta as descrições textuais pouco abonatórias dos colonialistas portugueses com experiência naquele território, nota-se igualmente que a imagem produzida pela fotografia denotava muito mais o *homem primitivo* do que o *nobre selvagem* – para parafrasear as palavras de Hayden White⁸⁷. Adicionalmente, as fotografias destas pessoas insinuavam um pretense sucesso da *missão civilizadora* portuguesa, quando retratavam timorenses vestidos à europeia ou identificados nas legendas com nomes portugueses, o que podia ser interpretado como uma adaptação dos habitantes de Timor aos modos e costumes de Portugal.

O alegado sucesso da colonização ou da *missão civilizadora* portuguesa era também insinuado, embora não tão eficazmente, nas fotografias da implementação das mais diversas infraestruturas imperiais na paisagem colonial. De facto, este esforço de *modernização* do terreno não mereceu tanta atenção por parte dos fotógrafos portugueses, que demonstraram um bem maior interesse pela população timorense, como vimos. Este desinteresse acompanha em paralelo igual falta de atenção da metrópole pelo seu domínio ultramarino da Oceânia, onde os investimentos em infraestruturas foram claramente inferiores aos verificados noutras colônias da Ásia e sobretudo de África (e aqui particularmente em Angola e Moçambique). As fotografias destes melhoramentos materiais procuravam contrariar a imagem de Timor como “terra maldita, terra de exílio, onde só vivem condenados”⁸⁸ e tentar atrair colonos e investimentos para a colônia, mas o seu reduzido número e pouca frequência com que eram publicadas na imprensa invalidavam este exercício de publicidade. Aliás, em meados da década de 1910, vinte anos após a revelação das primeiras imagens fotográficas de Timor, prevalecia uma visão

⁸⁷ WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1978.

⁸⁸ INSO, “Na Sociedade de Geografia. 4.ª Conferência”, 197.

negativa da colônia, onde “viceja o que resta de mais selvagem e primitivo nesta pobre humanidade”⁸⁹.

De qualquer modo, a fotografia contribuiu para um maior conhecimento de Timor, tanto a nível oficial, como a nível popular (através da imprensa ilustrada), abrindo janelas (ainda que muito enviesadas) por onde os portugueses na metrópole conseguiam vislumbrar alguns detalhes daquele território longínquo.

Referências

- ALEXANDRE, Valentim; DIAS, Jill (eds.). “O Império Africano 1825-1890”. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova Historia da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, vol. 10.
- BARTHES, Roland. *Camera Lucida. Reflections on Photography*. Nova York: Hill & Wang, 1981.
- BARTHES, Roland. *Image, Music, Text*. Londres: Fontana Press, 1977.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Nova York: The Noonday Press, 1972.
- BEEGAN, Gerry. *The Mass Image. A Social History of Photomechanical Reproduction in Victorian London*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.
- BENETTI, Márcia. “Análise do discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos”. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (eds.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BETHENCOURT, Francisco; CHAUDURI, Kirti (eds), *Historia da expansão portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2000, vol. 4.
- BOAVIDA, Isabel. “Celestino da Silva, a rede de postos militares e a ocupação colonial efetiva de Timor português (1895-1905): Um processo (des)construtivo”, *Journal of Asian History*, 2014, 48, n.º 2, pp. 227-261.
- BOVENSIEPEN, Judith. “Pacification and Rebellion in the Highlands of Portuguese Timor”. In ROQUE, Ricardo; TRAUBE, Elizabeth G. (eds.). *Crossing Histories and Ethnographies: Following Colonial Historicities in Timor-Leste*. Nova York: Berghahn, 2019, pp. 131-154.

⁸⁹ INSO, “Na Sociedade de Geografia. 3.ª Conferencia”, 177.

- BURGIN, Victor. "Re-reading Camera Lucida". In BATCHEN, Geoffrey (ed.). *Photography Degree Zero: Reflections on Roland Barthes's Camera Lucida*. Cambridge, MA: MIT Press, 2009.
- CARVALHO, Rómulo de. *História da Fotografia*. Coimbra: Atlântida Editorial, 1976.
- COSTA, Cátia Miriam. "O outro na narrativa fotográfica de Velloso de Castro: Angola, 1908". *Culturas Populares. Revista Electrónica*, 2008, 7, s. p.
- COSTA, Fernanda Madalena; JARDIM, Maria Estela (eds.). *100 Anos de Fotografia Científica em Portugal (1839-1939)*. Lisboa: Edições 70, 2014.
- DANIELS, Stephen; COSGROVE, Denis. "Introduction: iconography and landscape". In COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (eds.). *The Iconography of Landscape. Essays on the symbolic representation, design, and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *Objectivity*. Nova York: Zone Books, 2007.
- DAVIDSON, Katharine. "The Portuguese colonisation of Timor: the final stage, 1850-1912". Sydney: The University of New South Wales, 1994. Dissertação de doutoramento.
- Diário da Câmara dos Deputados.
- DIAS, Jill R. "Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914". *History in Africa*, 1991, 18.
- DIOGO, Maria Paula; LAAK, Dirk van. *Europeans Globalizing. Mapping, Exploring, Exchanging*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.
- DORES, Rafael das. *A Força Armada em Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1901.
- DORES, Rafael das. *Album Biographico e Geographico*. S. l.: s. n., c. 1903.
- DORES, Rafael das. *Apontamentos para um Dicionário Chorographico de Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1903.
- DUBOIS, Philippe. *O Acto Fotográfico*. Lisboa: Vega, 1992.
- FRANKLIN, Margery B.; BECKLEN, Robert C.; DOYLE, Charlotte L. "The Influence of Titles on How Paintings Are Seen". *Leonardo: Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology* 1993, 26, n.º 2, pp. 103-108.
- FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Veja, 1995.

HEADRICK, Daniel R. *The Tools of Empire*. Technology and European Imperialism in the Nineteenth Century. Oxford: Oxford University Press, 1981.

HEINTZE, Beatrix. "In Pursuit of a Chameleon: Early Ethnographic Photography from Angola in Context". *History in Africa*, 1990, 17, pp. 131-156.

Ilustração Portuguesa.

INGOLD, Tim. "Introduction". In JANOWSKI, Monica; INGOLD, Tim (eds.). *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. Londres: Routledge, 2012.

INSO, Jaime do. "Na Sociedade de Geografia. 3.^a Conferencia do 2.^o tenente sr. Jayme Inso. Uma viagem a Timor". *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1913, 36, n.^o 1241-1242, p. 177.

INSO, Jaime do. "Sociedade de Geographia. 4.^a Conferencia do tenente da armada sr. Jayme do Inso. A Provincia de Timor", *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 1914, 37, n.^o 1277-1278, p. 197. Ver também: "Timor – a ignorada", *Ilustração Portuguesa*, 1909, 7, n.^o 172, p. 733.

KELSEY, Robin. "Is Landscape Photography?". In DOHERTY, Gareth; WALDHEIM, Charles (eds.). *Is Landscape...? Essays on the Identity of Landscape*. Londres: Routledge, 2016.

LANDAU, Paul S. "Empires of the Visual: Photography and Colonial Administration in Africa". In LANDAU, Paul S.; KASPIN, Deborah D. (eds.). *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002, pp. 141-171.

MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). "Portugal da Monarquia para a República". In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, vol. 11.

MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Macau e Timor do Antigo Regime à República. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.

MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Macau e Timor no período republicano. Lisboa: Fundação Oriente, 2003.

MARTINS, Leonor Pires. *Um Império de Papel*. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940). Lisboa: Edições 70, 2015.

MATOS, Patrícia Ferraz de. *The Colours of the Empire: Racialized Representations During Portuguese Colonialism*. Nova York: Berghahn Books, 2013.

McCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender, and sexuality in the colonial contest*. Nova York: Routledge, 1995.

MOREIRA JÚNIOR, Manoel António. Relatório e propostas de lei referentes às províncias ultramarinas e ao districto autónomo de Timor apresentados na camara dos senhores deputados da nação portuguesa na sessão legislativa de 1905. 1.^a Parte. Relatório. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.

O Café em Timor por um Missionario. Macau: Tipografia do Seminário, 1891.

O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e no Extranjero.

PENHA GARCIA. Conde de. *Algumas Palavras sobre a Colonização de Timor*. Lisboa: A Liberal – Officina Typographica, 19017.

PEREIRA, Hugo Silveira. “Herald of progress: Karl Emil Biel’s photographs of the technical modernisation of Portugal”, *Photographies*, 2022, 15, n.º 1, pp. 101-123.

PHU, Thy. “Vietnamese Photography and the Look of Revolution”. In SMITH, Shawn Michelle; SLIWINSKI, Sharon (eds.). *Photography and the Optical Unconscious*. Durham, NC: Duke University Press, 2017, pp. 304-316.

Relatório do Governador da Província de Macau e Timor de 30 de Setembro de 1889 com referencia a 1888-1889. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890.

Relatórios das Direcções das Obras Publicas das Províncias Ultramarinas. Anno Economico de 1888-1889. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891.

ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz, “Fotografia Colonial: Materialidades e Imaterialidades Identitárias no Contexto Português”, *Criar Educação*, 2018, 7, n.º 2, s. p.

ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz. “Fotografias de Angola do Século XIX: o ‘Álbum Fotográfico-Literário’ de Cunha Moraes”. *Tempos e Espaços em Educação*, 2019, 12, n.º 31.

RYAN, James R. *Picturing Empire. Photography and the Visualization of the British Empire*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

SANTANA, Maria Helena; LOURENÇO, António Apolinário. “No leito. Comportamentos sexuais e erotismo”. In MATTOSO, José (ed.). *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011, pp. 254-261.

SCHWARTZ, Joan M.; RYAN, James R. “Introduction: Photography and the Geographical Imagination”. In SCHWARTZ, Joan M.; RYAN, James R. (eds.). *Picturing Place: Photography and the Geographical Information*, Nova York: Tauris, 2003.

SENA, António. *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*. Porto: Porto Editora, 1998.

SILVA, J. G. Montalvão e. *A Mão d’Obra em Timor*. Breve memoria sobre o seu territorio, clima, producção, usos e costumes indigenas, industria, agricultura e commercio. Lisboa: Tipografia A Editora, 1910.

SILVA, J. Gomes da. *Em Timor*. Macau: Tipografia Mercantil, 1892.

SILVA, José Celestino da. *Relatorio das Operações de Guerra no Districto Autonomo de Timor no Anno de 1896*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.

SONTAG, Susan. *Ensaios Sobre Fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

SOUSA, Fernando de; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). “Portugal e a Regeneração (1851–1900)”. In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (eds.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2004, vol. 10.

SOUSA, Ponciano J. M. de. *Indice Alfabético, Cronológico e Remissivo da Legislação emanada quer do Govêrno e publicada oficialmente nesta Provincia desde a constituição do Distrito Autonomo até 30 de Junho de 1914*. Dili: Imprensa Nacional, 1914.

STOLER, Ann Laura. *Carnal Knowledge and Imperial Power*. Race and the Intimate in Colonial Rule. Berkeley, CA: University of California Press, 2010.

STOLER, Ann Laura. *Race and the Education of Desire*. Foucault’s History of Sexuality and the Colonial Order of Things. Durham: Duke University Press, 1995.

STOLER, Ann Laura; COOPER, Frederick Cooper. “Between Metropole and Colony. Rethinking a Research Agenda”. In STOLER, Ann Laura; COOPER, Frederick Cooper (eds.). *Tensions of Empire*. Colonial Cultures in a Bourgeois World. Berkeley: University of California Press, 1997.

TRAVASSOS, Lorena Christina Barros. “Missões Antropológicas de São Tomé (1954) e Angola (1955): caminhos para a descolonização da fotografia colonial”, *Estudos Históricos*, 2021, 34, n.º 72.

VICENTE, Filipa Lowndes (ed.). *O Império da Visão*. Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960). Lisboa, Edições 70.

VICENTE, Filipa Lowndes. “Fotografia e colonialismo: para lá do visível”. In JERÓNIMO, Miguel Bandeira (ed.). *O Império Colonial em Questão (sécs. XIX -XX)*. Lisboa: Edições 70, 2012.

VICENTE, Filipa Lowndes. “Goa Displayed in Goa: The 1860 Industrial Exhibition of Portuguese Colonial India”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 2018, 115, pp. 159-182.

VICENTE, Filipa Lowndes; GOMES, Inês Vieira Gomes. “Inequalities on Trial: Conflict, Violence and Dissent in the Making of Colonial Angola (1907-1920).” In BETHENCOURT, Francisco (ed.), *Inequality in the Portuguese-speaking world: global and historical perspectives*. Brighton: Sussex Academic Press, 2018.

WEISS, Sean. “Making Engineering Visible: Photography and the Politics of Drinking Water in Modern Paris”. *Technology and Culture*, 2020, 61, n. 3.

WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1978.

ZOLA. *Quatorze Annos de Timor*. S. l.: s. n., 1909.

Artigo recebido para publicação em 17/07/2023 e aprovado em 29/02/2024.